

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

INÊS GEFFER ABRÃO ROUMBEDAKIS

A CRÍTICA DE PLATÃO À POESIA DE HOMERO
NA REPÚBLICA

CURITIBA
2015

INÊS GEFFER ABRÃO ROUMBEDAKIS

A CRÍTICA DE PLATÃO À POESIA DE HOMERO
NA REPÚBLICA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Filosofia da Educação do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista.

Prof.^a Dr.^a. Karen Franklin da Silva

CURITIBA
2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Paraná pelo curso de grande excelência;

aos professores do setor de Educação do curso de Especialização em Filosofia pela seriedade e empenho que demonstram em cada aula, despertando e estimulando o interesse pela reflexão filosófica;

à professora Karen Franklin pelo incentivo e confiança, pela compreensão e atenção que dedicou em todos os momentos da construção deste trabalho, deixo registrado meu carinho e admiração pela pessoa e profissional que é;

aos meus filhos Sophia Roumbedakis e Joannis Georgios Roumbedakis, a quem peço desculpas pela ausência nos finais de semana; ao meu esposo Manoel Roumbedakis, por compreender os meus sonhos;

ao meu querido irmão, Julio Abrão, sempre me apoiando e incentivando;

à Beatriz Koppe, pelo carinho e amizade.



Universidade Federal do Paraná

Curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética,
Política e Educação – Setor de Educação.

Ata da Banca Examinadora de Monografia

Aos quinze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e quinze, na sala 500, do Edifício D. Pedro I, campus Reitoria da Universidade Federal do Paraná, às 17:00, reuniu-se a Comissão de Avaliação de Especialização do Curso de Especialização em Filosofia da Educação: Ética, Política e Educação para arguir a aluna **INÊS GEFER ABRÃO ROUMBEDAKIS** e avaliar a apresentação de sua monografia **A crítica de Platão à poesia de Homero na República**, apresentada como requisito parcial e último para a obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação. A comissão esteve constituída pelos professores: Gelson João Tesser, Karen Franklin da Silva (orientadora) e Delcio Junkes

A comissão atribuiu ao trabalho escrito o grau 8,0 (oito) e à defesa o grau 8,0 (oito). A média final foi 8,0 (oito).

Nada mais havendo a constar eu, Karen Franklin da Silva, presidente desta Banca do Curso de Especialização em Filosofia da Educação, lavrei a presente ata que vai assinada por mim e pelos integrantes da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. Delcio Junkes – membro arguidor.

Prof. Dr. Gelson João Tesser – membro arguidor.

Prof.ª Dr.ª Karen Franklin da Silva – orientadora.

RESUMO

Este trabalho aborda a crítica de Platão à poesia de Homero no Livro X da República. Objetiva mostrar porque Platão excluiu totalmente a poesia do sistema educacional grego. Com base nessa questão, procura-se identificar o que motivou o ataque crítico de Platão à poesia de Homero. Apresenta-se quais argumentos foram utilizados por Platão para excluir a poesia do sistema educacional grego. Aborda-se a importância da educação homérica para a formação da Grécia Antiga, a Ilíada como base para a formação do indivíduo, bem como o ideal de homem grego em Platão. Procura-se identificar qual foi realmente o pensamento de Platão em relação à poesia, para aprofundar os conhecimentos sobre a primeira educação grega, a forte influência da arte na formação do homem e as contribuições de Homero para a formação do homem grego. Sendo assim, organiza-se o presente estudo a partir de uma revisão das obras A República de Platão e a Ilíada de Homero. Conclui-se que, para Platão, a poesia destruiu a parte mais valiosa do indivíduo, a racionalidade, e que Homero foi um incomparável educador da Grécia Antiga.

Palavras-chave: Platão. Homero. Filosofia. Educação. Poesia.

ABSTRACT

This paper addresses the criticism of Plato towards the poetry of Homer, which is in his Republic, book X. Aims to show why poetry was totally excluded from the educational Greek system by Plato. This study is organized from a reviewing of Plato's Republic and Homer's Iliad. It shows that Plato considered that poetry spoiled the most valuable part of an individual, which is rationality, and on the other hand, shows that Homer was Ancient Greece's unmatched educator. Identifying what motivated the criticism of Plato to the poetry of Homer is also the purpose of this study. Thus, the reasoning used by Plato to exclude poetry from the educational Greek system is presented as well. As well as that, is considered the importance of Homer's approach to education to the identity of Ancient Greece, the Iliad as a basis to formation of the individual and the Greek ideal of man in Plato. It was sought to understand what was really the thinking of Plato towards poetry. Over all, the influence of art to the formation of man and Homer's contributions to the formation of Greek man.

Keywords: Plato. Homer. Philosophy. Education. Poetry.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A REPÚBLICA: A CONCEPÇÃO DE UM ESTADO PERFEITO.....	9
2.1 O IDEAL DE HOMEM GREGO (KALOKAGATIA).....	12
2.2 TEORIA DO CONHECIMENTO – O QUE SABE COMANDA.....	14
2.3 O MODELO ÉTICO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO.....	16
3 HOMERO: O EDUCADOR DOS GREGOS (HISTÓRIA).....	18
3.1 ILÍADA COMO PARADIGMA EDUCACIONAL (LITERATURA).....	21
4 A CRÍTICA DE PLATÃO À POESIA DE HOMERO.....	22
4.1 CRÍTICA AO COMPORTAMENTO DOS DEUSES (CITAÇÕES LIVRO III).....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica buscando apresentar “A crítica de Platão à poesia de Homero na *República*”. Para aprofundamento do tema as principais obras utilizadas foram a *Ilíada* de Homero e a *República* de Platão. O objetivo se volta para a investigação das razões as quais levaram Platão a desencadear uma crítica em relação à educação por meio da poesia trágica, busca também compreender a *República* como um Estado perfeito idealizado por Platão, bem como, o que era e o que não era permitido nesse Estado perfeito. Aborda também a questão do ideal de homem grego (*kalokagatia*), analisando como acontecia essa formação. A teoria do conhecimento em Platão, o papel de cada membro nesse Estado perfeito, qual era a função do Estado para a formação dos gregos e o principal modelo ético através dessa educação grega. Também aborda os conhecimentos acerca da Grécia Clássica, a história de Homero, primeiro educador da Grécia Antiga, bem como, conhecer o modelo pedagógico desse período, ou seja, qual era a importância da *Ilíada* nesse processo educacional.

O trabalho está dividido em três capítulos, o primeiro aborda a concepção de um Estado Perfeito segundo as ideias de Platão, o segundo capítulo faz um breve comentário a respeito de Homero como sendo o educador dos gregos e por último, a crítica de Platão à poesia de Homero.

2 A REPÚBLICA: A CONCEPÇÃO DE UM ESTADO PERFEITO

A República é uma das mais importantes obras de Platão. Nela estão expostas as principais ideias políticas, filosóficas, estéticas, éticas, pedagógicas e de justiça, buscando a concepção de um Estado perfeito através da teoria sobre a construção do conhecimento humano. A obra contém a famosa Alegoria da Caverna, onde o filósofo ilustra a evolução do conhecimento que, para ele, é uma experiência libertadora.

Essa obra de Platão foi elaborada em forma de diálogo e é composta por dez livros, cuja base é a discussão jurídica que idealiza um Estado Perfeito. Esse Estado ideal seria formado por uma classe de sábios, uma classe de guerreiros e pelo povo, visto que as pessoas possuem aptidões naturais diferentes e, por isso, cada um possui sua responsabilidade no conjunto perfeito do estado.

No Estado perfeito de Platão os poetas não são bem-vindos, essa era a perspectiva aristocrática da ideia de Estado perfeito de Platão. Exclusivamente no livro X aborda-se a questão da poesia, onde Platão tenta fundamentar o tema central da argumentação em si, ou seja, trata-se do resultado da paideia filosófica. Em outras palavras, é uma acusação ao sistema educacional da Grécia Antiga neste Livro Platão efetiva toda sua crítica à poesia homérica, sua análise em relação à poesia é totalmente reprovável e sem valor educativo, portanto, não deveria fazer parte do sistema educacional grego, principalmente à poesia imitativa.

No diálogo *A República*, o autor idealiza uma cidade onde seria utilizada a pura racionalidade. Nela encontra discípulos capazes de compreender todas as renúncias que a razão lhes impõe. Os interesses pessoais se encontram com os da totalidade social. Porém, tudo o que se vê é uma cópia imperfeita de um modelo perfeito, ou seja, cópia daquilo que é real.

Platão acreditava numa alma imortal que já existia no mundo das ideias antes mesmo de habitar o corpo, No entanto, quando essa alma passa a habitá-lo, essa alma esquece das ideias perfeitas. Em outro sentido, essa alma seria o projeto de homem que futuramente seria lançado ao mundo, por isso é necessário viver alinhado a essa essência já projetada e que foi transportada no momento da existência humana. (PLATÃO, p. 14).

Compreende-se que, a perfeição idealizada por Platão seria possível se cada membro cumprisse sua devida função de acordo com sua aptidão natural. Dessa forma, Platão exclui totalmente a poesia desse Estado Perfeito afirmando que a mesma não era bem-vinda na formação dos gregos, pois não tem compromisso com a verdade. Com isso, desencadeou a crítica a poesia de Homero, onde Platão diz que a poesia nada tem a contribuir a alma do indivíduo, ao contrário, traz malefícios prejudicando a alma. Sendo que é a alma que deve conduzir o homem ao conhecimento.

O mundo, então, se apresenta a partir de uma vaga lembrança, e a alma quer voltar para o mundo das ideias. Essa tese de Platão é exposta na passagem do Mito de Er (livro X), narrado por Sócrates, onde é apresentada a história do guerreiro Er que morre e tem a oportunidade de escolher uma nova vida enquanto alma. Depois de um tempo, o guerreiro ressuscita para essa nova vida em forma de homem. Para a escolha dessa nova vida, é preciso de muita sabedoria. A ideia de justiça e injustiça também está muito presente no mito. Dessa forma, compreende-se que a vida e a morte para Platão é um eterno ciclo. (PLATÃO, 2012, p. 423-432).

Platão já havia discutido a questão da construção da justiça na alma do indivíduo no Livro II da *República*, colocando essa formação como um problema inteiramente ligado à política. Dessa forma, Platão, apresenta as divisões da alma humana, sendo esta, três partes: concupiscível, irascível e racional. Para ele, só poderiam governar a cidade ideal aqueles que nasceram com a parte superior da alma mais desenvolvida, ou seja, os racionais, ou os filósofos, estes teriam sabedoria suficiente para governar com justiça a cidade aristocrata. A alma concupiscível é voltada para a sede do desejo intenso e das paixões do corpo. A alma irascível é a sede da força e da coragem, é impulsiva, tomada pela emoção, almas destinadas aos guerreiros.

No entanto, para Platão, somente aqueles que nasceram com a parte superior da alma mais elevada são capazes de se desprender do mundo sensível e alcançar o mundo inteligível. Com isso, compreende-se que o verdadeiro mundo do conhecimento nem todos os seres humanos serão capazes de alcançar.

Sobre a *Teoria das Ideias* de Platão, Manon (1992), afirma que só é possível o ensinamento para aquele que tem consciência de sua própria ignorância. De acordo com a autora, Platão ensina a duvidar do mundo sensível, levando o indivíduo a se preocupar apenas com o mundo Metafísico, mesmo este sendo

intocável e invisível. Dessa forma, compreende-se que os sentidos não são suficientes para julgar. É necessário informar a alma e não confiar apenas nos sentidos.

O mundo sensível participa do inteligível, se esforça para compreender o incompreensível, fazendo com que esses dois mundos, apesar de separados, estejam conectados. O sensível imita o inteligível, tornando-o uma cópia, um reflexo da ideia perfeita. Essa imitação, de acordo com Platão, distancia o indivíduo da verdade absoluta. “A alma é a causa do movimento, ou seja, da vida e do pensamento” (MANON, 1992, p. 102), mesmo que Platão não tenha colocado a questão da causa. No entanto, para alcançar a ordem, a bondade e a beleza, é necessário ser justo.

Ao compreender o intuito de Platão em estabelecer um Estado perfeito, onde, excluiu totalmente a poesia trágica e imitativa, buscando uma educação para os guardiões distante de toda arte que imitasse ou incitasse o mal, pois isso seria maléfico para a alma dos jovens terem contato com a poesia, buscava uma educação harmônica e intensa para essas almas.

Para Platão a educação, deve alcançar o interior da alma, tornando-a graciosa e harmônica consigo mesma, por isso a exclusão da poesia trágica e imitativa. (PLATÃO, 2012, p. 141). Percebe-se que no Estado perfeito de Platão a poesia passava por uma seleção, onde a poesia trágica e a imitativa não deveriam fazer parte da educação dos jovens.

Dessa forma, a concepção platônica de Estado baseava-se na “criação de um tipo elevado de homem” (JAEGER, 2013, p. 756), onde o filósofo considera as formas de governo inteiramente ligadas às condições da alma. “A formação da alma é a alavanca com a qual ele faz o seu Sócrates mover todo o Estado” (JAEGER, 2013, p. 758). Com a investigação em torno da verdadeira essência da justiça surge a ideia do Estado perfeito, que conduz o homem ao seu interior. Entretanto, Platão se mantém firme na ideia de uma educação para aos seus “guardiões” voltada para “o ideal da *kalokagathia*” (JAEGER, 2013, p. 790). Dessa forma, os guardiões não se ocupariam da poesia dramática e imitativa.

Na realidade, a educação que Platão quer que seja dada aos seus “guardiões” antecipa-se, na forma interior inconsciente com que as obras das musas educam o Homem, aos conhecimentos supremos que a educação filosófica do seu tipo de governantes mais tarde porá em relevo de modo consciente. Platão aponta assim para um segundo tipo superior de

cultura e já deixa transparecer claramente, ao mesmo tempo, os limites da educação pelas musas, o único tipo de cultura superior do espírito, na Grécia antiga. (JAEGER, 2013 p. 801).

No entanto, a base dessa educação proposta por Platão está fundamentada na cultura musical e tem como objetivo influenciar e elevar a essência da alma humana a aquilo que é harmonioso e saudável: É o que Jaeger chama de educação do caráter, que

a educação do caráter é a via que conduz à educação dos olhos da inteligência, e que, sem o homem ter consciência disso, modifica de tal maneira a sua natureza, pela ação das forças espirituais mais vigorosas – poesia, harmonia e ritmo –, que lhe é possível, finalmente, alcançar o princípio supremo, por meio de um processo que o vai aproximando da sua própria essência (JAEGER, 2013, p. 801).

De acordo com Jaeger (2013), Sócrates faz uma comparação entre o ensino elementar da leitura e da escrita com a essência desse processo educacional o qual forma o *éthos* do homem. Junto com a música Platão coloca também a ginástica, a música busca dar forma harmônica a alma e a ginástica faria o mesmo com a saúde do corpo. “Platão entende que a primeira coisa a fazer é formar espiritualmente o Homem na sua plenitude, entregando-lhe em seguida o cuidado de velar pessoalmente pelo seu corpo” (JAEGER, 2013, p. 802). Ambas formando uma unidade inseparável desenvolvendo a natureza humana e promovendo a sabedoria.

2.1 O IDEAL DE HOMEM GREGO (*KALOSKAGATIA*)

De acordo com Jaeger (2013), a formação do Homem, deve acontecer naturalmente, de forma que o indivíduo seja educado para desenvolver suas funções e obrigações, ou seja, honrar os deuses, o pai e a mãe e respeitar os estrangeiros. A educação e a formação têm origens diferentes, sendo que a formação está na forma integral do Homem, na sua essência. Em relação à formação do homem grego, “(...) Platão comparou ao adestramento de cães de raça” (JAEGER, 2013, p. 22). Tal adestramento limitava-se somente à nobreza e não ao indivíduo comum. Dessa forma, pode-se dizer que o processo disciplinar na formação do homem, em

específico na Grécia, foi considerado por Platão com o mesmo sentido de adestramento.

O homem grego ideal é o *kaloskagathós*, do grego *kalos kai agathos*, citado na *Paideia*, que significa belo e bom, mais especificamente, um *gentleman* inglês (JAEGER, 2013). É da nobreza grega que nasce o ideal de homem na arete, a qual modela o mundo aristocrático. Essa formação refere-se ao homem no sentido integral, ou seja, seu comportamento exterior e interior. Esse homem integral que se pretendia formar, era o resultado de um processo disciplinar bastante rigoroso. Para a aristocracia, o ideal de homem grego implica, necessariamente, o sentido de dever. Compreende-se a formação grega platônica de maneira correta e sem falhas voltada para o Espírito da essência da Virtude da Grécia Clássica. O objetivo portanto, não estava no individualismo, mas, sim no humanismo, que modela o homem de acordo com a verdadeira forma humana, tornando-o virtuoso.

O conceito de *Arete* era próprio da nobreza, sendo que o homem comum não a possui. Para os gregos a destreza e a força além do normal era fundamental para as classes dominantes.

Conforme Jaeger (2013), Sócrates é uma figura imortal na história da filosofia clássica, apesar de ser condenado a morte pela cidade, manteve sua atitude política e não deixou de ser um cidadão comum, trouxe um modelo ético para a educação. Esse modelo ético girava em torno da *eudaimonia* e da *Arete*, respectivamente felicidade e virtude. assim, “Sócrates é o mais espantoso fenômeno pedagógico da história do Ocidente” (Jaeger, 2013, p. 511).

A juventude sente-se fascinada pela forma de ensinamento de Sócrates, passando a segui-lo fielmente. “Ele é para essa juventude ateniense um espetáculo constantemente renovando, a que se assiste com entusiasmo, cujo triunfo se celebra e que se procura imitar, fazendo por examinar do mesmo modo as pessoas” (Jaeger, 2013, p. 523).

A “filosofia” que Sócrates aqui professa não é um simples processo teórico de pensamento: é ao mesmo tempo uma exortação e uma educação. A serviço desses objetivos estão ainda o exame e a refutação socrática de todo o saber aparente e de toda a excelência (*Arete*) meramente imaginária (JAEGER, p. 527).

Dessa forma, em Sócrates compreende-se que para alcançar a virtude é necessário que o homem se preocupe com a sua alma, pois esta é o bem mais precioso que o indivíduo possui.

Na base dessa convicção aparece-nos a promessa evidente de que a ética é a expressão da natureza humana bem entendida. Esta distingue-se radicalmente da existência animal pelos dotes racionais do Homem, que são os que tornam o *éthos* possível. E a formação da alma nesse *éthos* é precisamente o caminho natural do Homem, o caminho pelo qual este pode chegar a uma venturosa harmonia com a natureza do universo ou, para dizer em grego, à *eudaimonía* (JAEGER, 2013, p. 535).

No entanto, compreende-se que para Sócrates o homem só alcança a eudaimonia com a educação baseada no *ethos*, essa é capaz de elevar a alma do indivíduo ao caminho da harmonia consigo mesmo. “A virtude e a felicidade deslocaram-se, assim, para o interior do homem” (JAEGER, 2013, p. 536). Entretanto, de acordo com Sócrates é na face do homem que reflete a harmonia do seu interior.

Procuremos agora ver um pouco mais de perto o caráter dessa educação. O fato de esse cuidado da alma ser qualificado como “serviço de Deus”, de acordo com as palavras que na *Apologia* Platão põe na boca de Sócrates, não quer dizer que tenha qualquer sentido religioso, no sentido usual do termo. Pelo contrário, o caminho que ele segue é, do ponto de vista cristão, um caminho demasiado naturalista e laico” (JAEGER, 2013, p. 537).

Desse modo, o mesmo cuidado que Sócrates ensinava ter com a alma também era o cuidado que se devia ter com o corpo, mesmo que estes estivessem separados, pois um é o reflexo do outro. “Ensinava os amigos a manterem o corpo são por meio de endurecimento, e conversava demoradamente com eles sobre a dieta mais conveniente para consegui-lo” (JAEGER, 2013, p. 538). Apesar disso, Sócrates levava uma vida simples, tomando como objetivo a disciplina do espírito. “É Sócrates que reestrutura a conexão da cultura espiritual com a cultura moral” (JAEGER, 2013, p. 540). Com isso ele buscava um Bem universal para os gregos, uma educação de certa forma “política” a qual conquistou diversos discípulos no período da Grécia Clássica.

2.2 TEORIA DO CONHECIMENTO – O QUE SABE COMANDA

A Teoria das Ideias ou formas de Platão é explicada, tanto na linha dividida no final do Livro VI como na *Alegoria à Caverna*, mito narrado por Sócrates no Livro VII da obra a *República*. Platão se utiliza desse mito para explicar o que é o verdadeiro conhecimento e também o que é o mundo. Demonstra através do mito uma divisão entre o mundo das ideias perfeitas e o mundo sensível. No entanto, ele faz uma distinção entre o mundo das sombras, da imitação ou da ilusão, chamado de mundo sensível. Esse mundo se modifica a todo o momento, isto é, são apenas aparências onde tudo tem um fim, tudo passa, volta e passa de novo, sendo que, este mundo corresponde ao interior da caverna.

O mundo do verdadeiro conhecimento é o inteligível, imutável e real, porém, não é visível. Não se enxerga apenas se contempla. É o mundo que contém as formas e as ideias perfeitas de tudo aquilo que está no mundo sensível. Nesse sentido, para conhecer verdadeiramente, é preciso afastar-se das coisas sensíveis e visíveis, elevando-se as ideias e os pensamentos à abstração. O dualismo platônico explica a existência de dois mundos distintos, onde só um compreende a verdade absoluta.

Fora da caverna, no entanto, existe o mundo das formas verdadeiras de tudo o que existe dentro da caverna. No mundo visível ou sensível, como denominou Platão, as coisas são diferentes. Tais diferenças são acidentais, mas existe uma ideia perfeita de qualquer objeto sensível, ou seja, no mundo inteligível, existe uma forma perfeita de todos os objetos, e essas ideias são refletidas para o mundo sensível, que se enxerga e se percebe. Elas não se refletem, porém, são a maneira perfeita, por isso Platão chamou todas as coisas existentes no mundo sensível de cópia imperfeita da forma perfeita. Dessa forma, o mundo sensível nada mais é do que um reflexo, uma sombra do mundo inteligível, uma cópia imperfeita do mundo das ideias perfeitas.

Não é possível alcançar as ideias perfeitas se deixando levar pelas seduções dos sentidos do corpo, pois esses induzem somente às aparências da verdade absoluta. O caminho que conduz ao mundo das ideias perfeitas é o racional, que permite chegar às formas perfeitas. O indivíduo é capaz de visualizar em pensamento essas formas. Isso quer dizer que o conhecimento não está nas coisas visíveis do mundo.

O verdadeiro conhecimento só alcança aqueles que se refugiam no mundo da razão, por isso é necessário aprender a usar a razão. Platão considera que a única

forma do homem se desprender do mundo sensível e contemplar o mundo inteligível é através da dialética (diálogo), como bem aprendeu de seu mestre Sócrates com o uso da ironia e maiêutica, ambos fundamentados no diálogo. De modo que, “na região inteligível comanda e gera verdade e entendimento” (PLATÃO, 2012, p. 292). Visto que, o conhecimento para Platão é poder, logo, quem o possui deve comandar, aqueles que permitem ter a razão como seu guia e buscam a verdade absoluta devem fazer parte do sistema educacional grego como aqueles que estão destinados ao comando, pois, estes contemplarão o belo, bem como, a justiça.

Dessa forma, o sábio é quem deve comandar o Estado ideal de Platão, pois a sabedoria lhe dará condições para guiar-se pela razão e conseqüentemente promoverá o bem comum.

2.3 O MODELO ÉTICO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

Compreendendo que o Estado perfeito de Platão, exigia um grau elevado de excelência no modelo pedagógico da Grécia Clássica, busca-se apresentar o modelo ético de Platão na *República*, através do entendimento de que a ética é um conjunto de valores morais e princípios que norteiam a conduta humana na sociedade. Com a ética é possível o equilíbrio da sociedade, pois ela é construída com base nos valores históricos e culturais. Trata-se de uma ciência a qual estuda os valores e princípios morais de uma determinada sociedade. Dessa forma, o homem ético é um homem sábio e justo, o qual vive alinhado à razão e a pratica do bem, uma vez que, para Sócrates somente a felicidade realiza o homem.

Foi graças a Sócrates que o conceito de autodomínio se converteu numa ideia central da nossa cultura ética. Essa ideia concebe a conduta moral como algo que brota do interior do próprio indivíduo e não como mera submissão exterior à lei, tal qual a exigia o conceito tradicional da justiça. Mas, como a concepção ética dos gregos parte da vida coletiva e do conceito político de domínio, é pela transferência da imagem de uma *polis* bem governada para a alma do Homem que ele concebe o processo interior (JAEGER, 2013, p. 548).

No entanto, Sócrates é considerado o criador do modelo Ético para a Grécia Clássica, o que se buscava era a valorização da virtude e da sabedoria através de um modelo ético capaz de contribuir para essa formação do homem, levando-o para o caminho da felicidade plena. Para ele, o verdadeiro objeto de conhecimento é a

alma humana, ou seja, a verdade está na essência do indivíduo. Logo, se faz necessário que cada um conheça o seu interior, construindo uma harmonia com sua alma.

O indivíduo bom, então, alcança a felicidade, ou seja, o homem virtuoso é o homem feliz. Aquele que é capaz de encontrar a verdade em sua alma sente-se obrigado a alinhar com ela a sua conduta. Com base na ética de Sócrates pode-se dizer que o conhecimento do bem se identifica com a prática da virtude, aquele que sabe a verdade tem condições de agir para o bem.

Para os gregos, dava-se muita importância ao “Conhece-te a ti mesmo”, o que está inteiramente conectado à *eudaimonía*, compreendida como a conseqüência da harmonia interior do homem. A primeira educação dos gregos, a educação homérica já se inclinava para a *eudaimonía* do homem. “Sócrates esforçava-se por encontrar a pauta moral firme da conduta humana” (JAEGER, 2013, p. 554). Por isso, era procurado por muitos pais, que buscavam conselhos para a educação de seus filhos. “Sócrates está convencido de que, se lhes fosse dada a educação adequada, eles atingiriam por eles próprios as maiores alturas e fariam felizes, ao mesmo tempo, os outros homens” (JAEGER, 2013, p. 558). Porém, segundo Sócrates, para ser “grande” é necessário ser justo.

De acordo com Jaeger (2013) Sócrates aborda o problema ético com a finalidade de exprimir conselhos para os “cuidados da alma”.

A educação para a virtude política que ele pretende instaurar pressupõe antes de tudo restauração da *pólis* no seu sentido moral e interior. É certo que Sócrates, ao contrário de Platão, não parece partir fundamentalmente da ideia de que os Estados atuais não têm remédio. Não se sente ainda, naquilo que o seu ser tem de melhor, cidadão de um Estado ideal criado por ele próprio, mas é totalmente um cidadão de Atenas. Mas foi dele e só dele que Platão recebeu a ideia de que o renascimento do Estado não se podia conseguir pela simples implantação de um forte poder exterior, mas tinha de começar pela consciencia de cada um, como hoje diríamos, ou, para usar a linguagem dos gregos, pela sua alma (JAEGER, 2013, p. 574).

Sendo assim, para Jaeger, Sócrates pretendia buscar no interior do cada indivíduo uma “investigação do *lógos*, a verdadeira norma obrigatória e irrecusável para todos”. Porém, Sócrates não viveu num Estado ideal, viveu num Estado de maneira simples, sendo um cidadão comum, onde lutou por uma democracia com direitos iguais para todos. “Platão era o único que se sentia, como ateniense e como político, à altura de compreender Sócrates plenamente”. Este era um dos últimos

cidadãos da *pólis* grega a engrandecer a moral e o espírito do indivíduo, por isso foi um fenômeno extraordinário e especial na construção da história do espírito grego. “É da comunidade e da dualidade de aspirações desses dois elementos integrantes do seu ser que dimana a sua ideia ético-política da educação” (JAEGER, 2013, p. 574-580).

Sabe-se que Sócrates dedicou sua vida ao ensino da filosofia, dizia ter recebido de Deus o dom de educador, porém esse Deus era diferente dos deuses cultuados pela *pólis* grega, isso foi um dos motivos para a sua condenação à morte. “Da raiz dessa confiança em Deus brota em Sócrates uma nova forma de espírito heróico, que desde o primeiro instante imprime o seu caráter na ideia grega da arete” (JAEGER, 2013, p. 581). Dessa forma, a espiritualização e a arete grega conserva-se guardada nas raízes da cultura grega.

3 HOMERO: O EDUCADOR DOS GREGOS (HISTÓRIA)

Conforme Jaeger (2013, p. 10) “O povo grego é o povo filosófico por excelência”. Isso, devido à forte ligação com a arte e a poesia, sendo esta a responsável pela formação da essência do espírito grego. Ou seja, a poesia formou e educou o homem grego.

De acordo com Jaeger (2013, p. 60) o poeta Homero foi o primeiro grande educador da Grécia Antiga. Viveu por volta do século VIII a. C., consagrou o gênero épico com suas grandiosas obras *Ilíada* e *Odisséia*, obras que historicamente carregam uma riqueza inestimável e trazem uma didática formadora. Homero é responsável pela formação de uma importante parte da cultura grega antiga. Dessa forma, Homero seria o primeiro e o maior formador da cultura grega.

O pensamento de Homero busca apresentar um ideal de homem justo e virtuoso diante do mundo. Tal ideal de homem, ao qual Homero apresenta através de seus poemas, utiliza o conceito de arete que designava a excelência humana, bem como, “a força e a destreza dos guerreiros ou lutadores e, acima de tudo, heroísmo, considerado não no nosso sentido de ação moral e separada da força, mas sim intimamente ligado a ela”. (JAEGER, 2013, p. 25). A expressão da força é a excelência para o homem grego.

Para Homero a arete volta-se para os aspectos morais e espirituais. É através da *Ilíada* que se elevou a consciência educadora da nobreza grega primitiva “o homem homérico só adquire consciência do seu valor pelo reconhecimento da sociedade a que pertence” (JAEGER, 2013, p. 29). O amor a pátria, o respeito e a honra estavam presentes na vida dos gregos, de forma que, sacrificavam-se pela pátria, abandonavam dinheiro, bens e horários, a originalidade dos gregos se voltava para o heroísmo. Tal heroísmo que se aperfeiçoa após a morte do herói.

Até os deuses reclamam a sua honra e se comparam no culto que lhes glorifica os feitos, castigando ciosamente qualquer violação dessa honra. Os deuses de Homero são, por assim dizer, uma sociedade imortal de nobres; e a essência da piedade e o culto grego exprimem-se no fato de “honrar a divindade”. Honrar os deuses e os homens pela sua arete é próprio do homem primitivo (JAEGER, 2013, p. 30).

Dessa forma, o homem de Homero deveria possuir essa grandeza de honra e o amor a pátria para se fazer o herói “*a honra é o trofeu da arete*” (JAEGER, 2013, p. 32).

Portanto, a *Ilíada* não pode ser considerada um documento que se volta apenas para relatar as guerras na Antiguidade, mas sem dúvida é uma obra que apresenta um vasto conteúdo de grande importância para a formação do homem grego.

Compreendendo o conceito de arete, em Homero, como força e coragem heroica e sendo à base da formação grega antiga, ela apresenta-se como o principal fundamento da poesia heroica do poeta. “O homem homérico só adquire consciência do seu valor pelo reconhecimento da sociedade a que pertence” (JAEGER, 2013, p. 29). O respeito e a honra entre os heróis eram de fundamental importância no período homérico, exigia-se uma honra cada vez mais elevada.

Platão reconheceu Homero como sendo o educador de toda a Grécia, a sua influência resistiu à forte crítica platônica. A educação homérica teve princípios sólidos e de grande importância para a formação do homem grego. No entanto, a crítica de Platão ocorreu devido aos relatos contidos na poesia, o que fazia com que a poesia perdesse um pouco do seu valor, por retratar o mundo dos deuses e heróis mitológicos gregos como irrealis, ou seja, apenas como fantasia artística.

Por mais que Homero tenha sofrido fortes críticas, sua poesia foi um modelo essencial para a formação do homem grego, sendo o responsável pelo modelo de

formação grega. “A poesia grega nas suas formas mais elevadas não nos dá apenas um fragmento qualquer da realidade; ela nos dá um trecho da existência, escolhido e considerado em relação a um ideal determinado” (JAEGER, 2013, p. 62).

Nesse sentido compreende-se a poesia como algo muito além da realidade, ela nos proporciona argumentos os quais nos permitem desenvolver aquilo que existe de melhor no íntimo da essência de cada indivíduo, algo que somente a poesia pode desvendar e transformar. A poesia homérica buscou construir “um ideal aristocrático do homem” (JAEGER 2013, p. 63). Ou seja, o objetivo era formar com perfeição. Considerando que, “a poesia desenvolve, com plena consciência, de degrau em degrau e em crescente medida, o seu espírito educador” (JAEGER, p. 65).

É em Homero que se compreende que a tradição artística nasceu da épica. O objetivo dos contos épicos é permanecer vivo na memória de toda a futura Grécia, além de manter o valor educativo do mito “para a ética aristocrática”. O fato de Homero utilizar-se do mito em toda a sua construção poética fez com que, a própria poesia épica tivesse “por natureza um mundo ideal, e o elemento de idealidade está representado no pensamento grego primitivo pelo mito”. “Os cantos heróicos orientam-se para a criação de modelos heróicos por força da sua própria essência idealizadora”. Essa profunda ligação entre mito e poesia surge uma ação educadora mais eficiente, tornando-se “a raiz de toda a formação superior na Grécia” (JAEGER, 2013, p. 66- 69).

Essa intenção educadora é evidente nos poemas homéricos na *Ilíada*, não se limita a apenas a uma fórmula, apresenta em seus poemas “todo o conhecimento particular à luz do seu conhecimento geral da essência das coisas”. Ou seja, tal poesia pensada e elaborada de maneira especial e com fortes fundamentos para uma formação ideal de homem Grego.

Na poesia homérica é nítida a harmonia entre natureza e vida humana. Mesmo Homero não sendo naturalista percebe-se fortemente essa ligação. Homero não é um autor moderno o qual considera tudo em “seu desenvolvimento interno, como experiência ou fenômeno de uma consciência humana, assim no mundo em que vive nada de grande acontece sem a cooperação de uma força divina, e a mesma coisa acontece na epopéia” (JAEGER, 2013, p. 76-78).

Homero foi um poeta ambulante, andava pela cidade recitando seus poemas, dessa forma influenciou diversas áreas das artes e do conhecimento, esse modelo

educativo buscava levar o indivíduo a alcançar a sua Virtude (arete). O fundador do ideal de homem grego e sua obra tornou-se a raiz de toda a cultura Grega, deixando um marco na memória Grega Antiga. Portanto, é preciso compreender que a Grécia Antiga é a origem de nossa civilização.

Sócrates se refere aos poetas como “pais da sabedoria” colocando Homero como inteiramente responsável pela educação da Grécia. Homero despertou na juventude grega a virtude heróica, a honra, a coragem, a disposição para a morte e também a harmonia com os deuses. Essa essência de educação tornou o indivíduo perseverante e inteligente.

3.1 ILÍADA COMO PARADIGMA EDUCACIONAL (LITERATURA)

A obra *Ilíada* de Homero é repleta de modelos educacionais aristocratas. De acordo com Finley (1998), a *Ilíada* é o início da literatura européia, um importante documento pedagógico, o mais antigo da história da Grécia e responsável pela educação e formação do homem grego. A obra apresenta poemas narrativos de grande sofisticação, mostrando o período heróico da Grécia com uma imensa vivacidade e autenticidade, a qual prova a existência de toda a história de Tróia. Nela, o poeta narra o porquê dessa guerra entre Espartanos e Troianos.

Tróia é uma narração contada de forma mitológica. Considera-se a *Ilíada* uma obra sem comparações a nenhuma outra produzida na época heróica da Grécia. Os poemas apresentados na *Ilíada* são à base da cultura bem como da educação grega. A principal fase dessa época heróica fundamenta-se nos textos das obras *Ilíada* e *Odisséia*, do século VIII a. C. São duas obras extensas com total peso de responsabilidade pela formação do homem Grego.

“Para completar e ilustrar a explicação da arete – conceito central da formação grega – traçaremos uma imagem de vida da nobreza grega primitiva, tal como nos é apresentada pelos poemas “homéricos”” (JAEGER, 2013, p. 36). Segundo o Jaeger, a *Ilíada* é o poema mais antigo da história da Grécia.

A Ilíada, nessa forma, foi naturalmente o grande modelo de toda a épica posterior, mas as linhas da grande épica fixam-se numa época determinada e imprimem-se de preferência em outra matéria. Aliás, é preconceito derivado do Romantismo e da sua concepção característica da poesia

popular considerar artisticamente superior a poesia épica mais primitiva (JAEGER, 2013, p. 39).

Nota-se que a *Ilíada*, sendo o poema mais antigo apresenta a forte influência de um estado de guerra, nela podemos perceber “um mundo situado num tempo em que domina exclusivamente o espírito heróico da arete, e corporifica esse ideal em todos os seus heróis”. Transmite com vivacidade uma tradição aristocrata, uma época que a nobreza se reconhecia pela força (valente). “A *Ilíada* descreve sobretudo esse tipo de existência, condicionada, evidentemente, pela sua matéria”. Tal nobreza exposta na obra é considerada “uma imagem ideal da fantasia, criada com a ajuda dos traços transmitidos pela tradição dos antigos contos heróicos”. Com isso, a forma da tradição daquela época foi demarcada pela arete (JAEGER, 2013, p. 39- 41).

Outro ponto importante a ser ressaltado na obra é “a figura do educador” apresentado como um paradigma mítico. “A estrutura da *Ilíada* assume, desse modo, um matiz ético e educativo”. A forma como se estrutura todo o conteúdo da *Ilíada* nos mostra claramente como aconteceu a educação aristocrata de Homero. “A tradição das antigas sagas oferece-nos exemplos vivos dessa educação”. Época em que o poeta se destacava pela sua capacidade inteligente e criativa em compor poemas e fazendo com isso o principal material pedagógico da Grécia antiga, ou seja, “a consciência e a ação educadora dos gregos” (JAEGER, 2013, p. 50-55), um formato educativo de grande peso para a primeira Grécia.

A evocação do exemplo dos heróis famosos e do exemplo das sagas é para o poeta parte constitutiva de toda a ética e educação aristocráticas. Temos de insistir no valor desse fato para o conhecimento essencial dos poemas épicos e da sua radicação na estrutura da sociedade arcaica (JAEGER, 2013, p. 58).

Nesse sentido, compreende-se que a poesia se conectava profundamente com a ética. Aquela teve um valor pedagógico de extrema importância para a formação dos gregos, o qual representou uma construção original da essência do espírito grego.

4 A CRÍTICA DE PLATÃO À POESIA DE HOMERO

Platão tece críticas em relação aos trabalhos dos poetas, dentre eles Homero e Hesíodo, no diálogo *A República*. Logo no início do Livro X, Platão refere-se à poesia Homérica. Ele afirma: “Nosso Estado possui muitas características que me certificam que estávamos totalmente certos em fundá-lo e organizá-lo como fizemos. Quando afirmo isso, refiro-me particularmente a poesia” (PLATÃO, 2012, p. 397).

Gláucon pergunta por que a poesia. Como resposta, Platão diz que, por se tratar de imitação, a poesia deveria ser “completamente abolida”. Segundo este, a poesia desperta sentimentos e não contribui para o desenvolvimento da razão; logo, uma cidade ideal jamais poderia ser formada por poetas.

“Toda essa poesia provavelmente distorce o pensamento de qualquer pessoa que a ouça, a menos que possua o conhecimento de sua verdadeira natureza que atue como um antídoto” (PLATÃO, 2012, p. 397). Platão alegava que os gregos não seriam capazes de distinguir a ficção da falsidade. Dessa forma, aceitam a poesia como verdade absoluta permitindo que a mesma destrua a inteligência, pois é uma enfermidade para a alma, um veneno ao intelecto e inimiga da verdade; portanto, é um perigo moral, bem como, intelectual a todos os indivíduos.

“Um certo amor e respeito que tenho por Homero desde criança me deixa hesitante quanto a falar. Ele parece ter sido o primeiro mestre e guia de todos esses belos trágicos” (PLATÃO, 2012, p. 397). No entanto, Platão afirma que a poesia desenvolve a pior parte da alma do homem, levando-o a se distanciar da razão e das ideias perfeitas, bem como da justiça e do belo. Na seqüência, sobre a poesia Platão conclui: “Atingimos um consenso sobre os imitadores” (PLATÃO, 2012, p. 401). Aqui Platão classifica o poeta como um enganador, profanador de mentiras e ilusões.

É clara a aversão de Platão em relação à poesia, mesmo tendo grande admiração por Homero e toda a sua influência. Aquele não hesitou em desmoralizar e classificar a poesia de Homero como “imitação de aparências”. Dessa forma, Platão conclui que “a imitação está muitíssima distanciada da verdade, uma vez que toca somente uma pequena porção de cada coisa, parte essa que é ela própria apenas uma imagem. E isso, parece, é a razão de poder ela produzir tudo” (PLATÃO, 2012, p. 401-402).

Para Platão (2012), a poesia pode iludir crianças, bem como, pessoas tolas. Segundo o filósofo, é necessário que se saiba distinguir o conhecimento da ignorância e da imitação para se alcançar o verdadeiro conhecimento do Imutável.

Dessa forma, o autor coloca a poesia num plano inferior à filosofia. “Dizem que se um bom poeta produz boa poesia, é forçoso que conheça as coisas sobre as quais escreve, caso contrário seria cabalmente incapaz de produzi-la” (PLATÃO, 2012 p. 402).

Platão acusava os poetas de não possuírem conhecimento daquilo que faziam. Eles apenas imitavam algo já existente, sem nenhuma preocupação e comprometimento com a verdade, apenas com objetivo de emocionar a platéia. Principalmente “no que toca as coisas mais importantes e mais belas sobre as quais Homero se empenhou em falar” (PLATÃO, 2012, p. 403). Dessa vez, Platão se refere aos poetas e rapsodos que andavam por toda a Grécia entoando e recitando os poemas de Homero, para Platão essa poesia não acrescentaria em nada para o desenvolvimento do Estado e não seria essa ideal para a formação do homem. Platão diz que não foi capaz de educar pessoas, pois não detinha o conhecimento. Para ele, um imitador não possui nenhum conhecimento valioso daquilo que imita. Sendo assim, o autor diz: “Então a imitação é algo inferior que se associa a outra coisa inferior para gerar um produto inferior” (PLATÃO, 2012, p. 409). Para Platão, a poesia não poderia contribuir para a formação do homem, pois é uma imitação da imitação, assim como o pintor que se inspira em algo para produzir seu quadro. A poesia é construída com fundamentos no que já aconteceu. Sendo esta uma imitação, logo não contribuirá de maneira positiva na formação do homem idealizado por Platão.

O poeta cria sua poesia baseada em alguma coisa, seja um objeto ou um personagem. “Como o pintor, suas criações são inferiores sob o referencial da verdade e recorrem a uma parte da alma que é, analogicamente, inferior e não a melhor parte” (PLATÃO, 2012, p. 412). Sendo assim, despertando e alimentando a pior parte da alma do homem, a poesia destrói a parte superior da alma, parte racional. Com isso, o Estado também será destruído, pois a poesia qualificará os piores para governar.

Percebe-se que Platão não aceita que o indivíduo seja formado pelos poetas, pois a poesia destrói o racional do homem e, conseqüentemente, destrói a melhor espécie de cidadãos, já que não possuem conhecimento do que fazem e não conhecem a essência daquilo que imitam. Eles se preocupam somente com a aparência, prejudicando a alma dos ouvintes e, por isso, deveriam ser expulsos da cidade.

Platão ao fazer essa repreensão severa com a poesia homérica tinha como objetivo idealizar um sistema educacional perfeito e para que isso se efetivasse a poesia trágica deveria ser totalmente eliminada.

De acordo com Haverlock (1996), na obra *Prefácio a Platão* livro X da *República*, identifica-se que Platão trata da questão da poesia fazendo uma comparação entre o poeta e o pintor. Para Platão, o artista produz uma versão da experiência a qual esta afastada da realidade. Com base nessa tese, os maiores poetas gregos, “de Homero a Eurípedes, devem ser excluídos do sistema educacional da Grécia” (HAVERLOCK, 1996, p. 20).

Fica imediatamente evidente que um título como a República não pode nos preparar para o surgimento, nesta obra, de um ataque tão frontal a essência da literatura grega. Se a discussão segue um plano e se a investida, vinda de onde vem, constitui uma parte essencial daquele plano, então o objetivo do tratado como um todo não pode ser contido dentro dos limites a que denominamos teoria política (HAVERLOCK, 1996, p. 20).

Aqui fica claro o ataque de Platão aos poetas, afirmando que os efeitos da poesia são como “uma destruição da inteligência”. Para Platão, ainda a poesia é uma espécie “de veneno intelectual e inimiga da verdade” (HAVERLOCK, 1996, p. 20). O argumento é muito forte, mas vindo de Platão constitui-se uma reflexão profunda sobre a poesia.

O homem não deve se deixar arrebatado por honrarias, riquezas ou qualquer tipo de poder, nem mesmo pela poesia, descurando a justiça, bem como, outras virtudes. Percebe-se que Platão tenta induzir a sociedade grega a lutar contra a poesia bem como contra quaisquer outras questões ligadas a ela.

Entretanto, em Platão a arte é uma forma de conhecimento a qual não melhora o homem, ela corrompe, pois é mentirosa e não educa, enfim, ela deseduca. Segundo Platão, a arte se volta para a parte inferior da alma, ou seja, para o irracional. No poeta não há virtude, uma vez que a virtude deriva do conhecimento. Ignora totalmente a razão do que faz e não sabe ensinar o outro aquilo que faz. A poesia esta a três graus de distância da verdade, por isso é inferior à filosofia.

Observa-se o quanto Platão é radical em relação à poesia, chegando a compará-la a uma prostituta que encanta e seduz. “O ouvinte deve estar prevenido, receando pelo seu governo interior” (HAVERLOCK, 1996, p. 21). Nesse sentido,

compreende-se que, para Platão, a experiência poética trata-se de uma espécie de veneno psíquico, o que leva o indivíduo a crer que ele tem a intenção de destruí-la, excluí-la como um veículo de educação. Platão tem como alvo “a essência do discurso poético, suas imagens, seu ritmo, sua qualidade como linguagem poética” que pode propiciar diversas reações, bem como uma variedade de emoções. Todas, porém, são perigosas e nenhuma aceitável.

Platão afirma que, no poeta, a sua versatilidade, sua universalidade, sua eloquência e sua sinceridade são apenas enfermidades das quais não se necessita. Para ele, a poesia não pode ser considerada disciplina educativa, pois apresenta um perigo moral e intelectual a qual destrói a inteligência.

“O ataque a poesia pode e deve ser inteiramente explicado, reduzido as suas verdadeiras proporções, tornado inócuo o bastante para se ajustar a nossa concepção do que o platonismo sustenta” (HAVELOCK, 1996. p. 23). Dessa forma, compreende-se que na concepção moderna de poesia julga-se necessário livrar Platão das conseqüências de tudo o que ele próprio acusa a poesia, com a finalidade de ajustá-la a um mundo tolerável ao gosto moderno.

No âmbito do gosto moderno Havelock argumenta:

No cômputo geral, conforma-se Platão ao gosto moderno mediante a argumentação de que o projeto da República é utópico e que a exclusão da poesia diz respeito apenas a uma condição ideal, não concretizável num futuro possível ou em sociedades terrenas. Alguém poderia objetar que, até mesmo neste caso, por que motivo, dentre todos os habitantes, deveria a Musa ser a única aquinhoadada com a exclusão da Utopia? (HAVELOCK, 1996. p. 23).

Havelock (1996) observa que o alvo da crítica de Platão é o teatro, que, na época, seguia uma corrente de realismo acentuado. Platão diz que os poetas como imitadores, não tem conhecimento sobre aquilo que imitam e fazem uma brincadeira sem seriedade. A poesia e a pintura, para o autor, portanto, estão afastadas da realidade.

Nesse sentido, Havelock afirma:

O texto, contudo, simplesmente não permite um tal desmembramento, como se Platão num ponto visasse a Homero, Hesíodo e o teatro e, em outro, apenas ao teatro. É verdade que ele tem em mente principalmente a tragédia, simplesmente porque, imaginamos, é contemporânea. Mas o que surpreende é sua constante recusa em traçar uma distinção formal entre o poema épico e a tragédia como gêneros diferentes, ou entre Homero e Hesíodo de um lado e os poetas trágicos de outro (HAVELOCK, 1996. p. 24).

De acordo com Havelock (1996), nota-se que, para Platão, o teatro é visto como “tragédia”, uma vez que representa a arte dramática. O teatro define seu ataque como “ações forçadas ou voluntárias, e que, em consequência de as terem praticado, pensam ser felizes ou infelizes, afligindo-se ou regozijando-se em todas essas circunstâncias” (HAVELOCK, 1996, p. 24).

Observa-se que os ataques de Platão em relação à poesia não estão só no Livro X da *República*. Ele já cita em seu prefácio a poesia “de caráter mimético”. No livro III da *República*, “Esse ataque iniciaria antes do fim do Livro II, quando Platão propôs um programa de censura severa e radical dos poetas gregos passados e presentes” (HAVELOCK, 1996, p. 26).

Há um tipo de poesia e fabulismo que emprega imitação somente – a tragédia e a comédia, como dizes. Um outro tipo emprega somente a narração feita pelo próprio poeta – o que encontras maximamente nos ditirambos; um terceiro tipo utiliza ambas, como na poesia épica e muitos outros casos. (PLATÃO, 2012, p. 130).

Sobre a crítica de Platão a tradição educacional da Grécia Antiga Haverlock descreve:

Trata-se de uma acusação à tradição e ao sistema educacional gregos. As principais autoridades citadas como responsáveis por esse tipo de moralidade questionáveis são os poetas. Homero e Hesíodo são mencionados e citados, dentre outros. Conseqüentemente, a República estaria se colocando claramente um problema que não é tanto filosófico no sentido restrito do termo quanto social e cultural. Ela questiona a tradição grega como tal e as bases sobre as quais se construiu (HAVERLOCK, 1996, p. 28).

De acordo com o autor, compreende-se que Platão questionou a base da formação grega, a qual se fundamentava na poesia, responsabilizando o poeta Homero por esse sistema educacional. Mesmo considerando que *A República* é um ataque à estrutura educacional da Grécia, as discussões não se resumem somente à poesia, pois é um texto que aborda uma infinidade de questões entre elas a teoria política e a construção da justiça na alma do indivíduo. A partir daí a discussão que é apresentada fundamenta-se num programa de reforma da educação elementar e secundária do sistema da Grécia Antiga. Essa discussão é ampla e provocativa e tornou-se um documento importantíssimo na história da cultura Ocidental. A princípio percebe-se que no sistema educacional da Grécia, a poesia era vista como uma questão central e de grande importância para a formação dos meninos.

Para Platão, a poesia tradicional oferecia pouca orientação moral, além de ser um perigo, pois a repetição influenciaria as mentes jovens à imitação. A poesia é classificada em três grupos: “ou ela narra o que está ocorrendo, pela própria boca do poeta, ou dramatiza o que está ocorrendo deixando que os personagens em pessoa falem, ou utiliza ambos os modos” (HAVERLOCK, 1996, p. 26).

Para o autor, a preocupação de Platão em relação à poesia está direcionada a repetição, bem como a imitação das coisas que acabam influenciando as mentes dos jovens, pois os escritos de Platão são voltados para a razão e buscam a verdade. Para o autor, a poesia não seria capaz de alcançar essa verdade absoluta e ainda como disciplina educativa apresenta um perigo moral e intelectual. Dessa forma, a poesia não poderia fazer parte da formação do homem, segundo Platão. Assim, seu ataque volta-se para a forma e para a essência do discurso poético, suas imagens, seu ritmo, sua qualidade como linguagem poética, pois descreviam principalmente o comportamento de deuses e heróis, aos quais os gregos nutriam respeito e admiração desde a infância.

4.1 CRÍTICA AO COMPORTAMENTO DOS DEUSES.

Na *República* pode-se notar a crítica que Platão faz aos deuses e a mitologia grega. Os deuses estavam presentes, cada um com sua especificidade e percurso histórico, tais histórias faziam parte de toda a Grécia. Havia um deus responsável para cada área da vida humana, esses deuses surgiam à medida que os gregos buscavam um sentido para a vida num mundo totalmente mutável. Portanto, para Platão essa influência dos deuses na formação do homem grego não significava algo saudável para a alma do indivíduo.

Com isso, Platão começa a selecionar as fábulas contadas as crianças, para que não cresçam acreditando em falsas crenças em suas almas;

Conseqüentemente, teremos de, antes de mais nada, supervisionar os contadores de histórias e executar uma censura de suas histórias. Faremos uma seleção de fábulas, aprovando as boas ou belas e rejeitando as que não são. Convenceremos, em seguida, as mães e pais a contar as suas crianças às fábulas que selecionamos, uma vez que elas moldarão as almas de suas crianças por meio de histórias bem mais do que os corpos dessas manuseando-os. Muitas das fábulas que lhes contam agora, entretanto, tem de ser rejeitadas (PLATÃO, 2012. p. 105).

Platão se refere às histórias contadas por Homero, alegando serem falsas e imitativas, sem nenhum benefício a contribuir para a educação da alma. “Digamos, quando o mito exprime uma imagem negativa da natureza dos deuses e heróis, como um pintor cujas pinturas não têm semelhança com seus modelos” (PLATÃO, 106), corrompem-se as almas que ouvem tais impropérios.

Platão se preocupava com a formação dos jovens e os mesmos não poderiam ouvir as histórias que ele considerava falsas, admitindo que as mesmas passavam uma imagem negativa a quem as ouvia. O autor, referindo-se diretamente a Hesíodo: “conta como Urano se comportou, como *Cronos* o castigou por isso e como esse último, por sua vez, foi punido por seu próprio filho. Mesmo que fosse verdadeiro, devia passar em silêncio e não ser narrado [leviamente] a jovens tolos” (PLATÃO, 2012, p. 106). Portanto, Platão condena a história contada por Hesíodo aos jovens alegando que é falsa e corrompe a mente dos jovens, a imitação afasta-os da verdade, logo, afasta-os também do conhecimento.

No livro III da *República*, argumenta sobre a necessidade de selecionar os poemas aos futuros guardiões, concebendo que nem todos eram positivos na formação das crianças. Muitos poderiam confundi-los negativamente conduzindo-os a outros caminhos distantes da verdade.

Tais, portanto, observei, são os tipos de histórias ou fábulas que julgo os futuros guardiões deveriam e não deveriam ouvir a respeito dos deuses desde sua infância, se pretendemos que honrem aos deuses e aos pais e não tenham a amizade deles nivelada com outras em baixa estima (PLATÃO, 2012, p. 117).

Platão se refere a histórias temerosas sobre a morte. Essas seriam eliminadas por não ser benéficas aos futuros guerreiros. “Pediremos a Homero e aos outros poetas que não fiquem zangados se eliminarmos essas passagens e todas as semelhantes” (PLATÃO, 2012, p. 119).

Platão se dirige aos poetas, afirmando que transmitem medo da morte: “Não é que não sejam poéticas nem agradáveis à maioria dos ouvintes, mas quanto mais poéticas forem menos convenientes serão aos ouvidos de crianças e homens que se supõe sejam livres e temam a escravidão mais do que a morte” (PLATÃO, 2012, p. 119). Seguindo a linha de pensamento do autor, nota-se que o mesmo se refere às histórias narradas, classificando-as como sendo mentirosas e ilusórias.

No Estado perfeito Platão não reconheceu os contos alegóricos, proibindo que os guardiões ouvissem essas histórias as quais chamou de problemáticas “não deveremos admitir história alguma sobre deuses que guerreiam, que lutam e fazem ou fazem intrigas e conspirações entre si, pois tais histórias não são verdadeiras” (PLATÃO, 106).

Segundo Platão, tais histórias explicitam a batalha de deuses e exerciam o ódio contra suas próprias famílias. “Os jovens não são capazes de distinguir o que é alegórico do que não é, e as opiniões que absorvem na sua idade são de difícil eliminação e tendentes a se manter inalteradas” (PLATÃO, 2012, 106). Por isso, o cuidado com as primeiras histórias a serem contadas deveria compor em si reflexões a respeito da virtude.

Sempre que quem quer que seja disser tais coisas sobre um deus, nos indignaremos com essa pessoa, lhe recusaremos um *coro* e não permitiremos que sua poesia seja utilizada na educação dos jovens, de modo que nossos guardiões serão tão tementes dos deuses e semelhantes a esses quanto o possam ser seres humanos (PLATÃO, 2012. p. 116).

No entanto, essa preocupação de Platão com a formação dos futuros guardiões do Estado perfeito se dava pelo fato de que julgava necessário ensinar desde a infância sobre a virtude, afastando as lamentações sobre a morte.

Solicitaremos a Homero e aos outros poetas para que não representem Aquiles, o filho de uma deusa... *Deitado ora de lado, ora de costas, ora novamente de bruços, depois se levanta e se põe a perambular distraidamente por um caminho ou outro da praia do mar infecundo* (PLATÃO, 2012. p. 120).

Tais passagens Platão julga que Homero não deveria descrever, pois levaria os jovens a sofrimentos desnecessários e insignificantes. Então sugere que não se aprove a poesia de Homero nem o próprio poeta quando se referir aos deuses nestes termos: “*E um riso inextinguível irrompeu entre os deuses bem-aventurados ao verem Hefáistos coxeando [ao mover-se] pela sala*” (PLATÃO, 2012. p. 122).

Compreende-se que a crítica que Platão direcionou a poesia de Homero tem forte relação com seu projeto de estado ideal e que a forma com que a poesia apresentava os deuses se tornava um problema essencial da educação. Assim se a Grécia antiga quisesse transformar-se em correlato de areté e *eudaimonia* deveria

certamente abolir a influência dos poetas que relatavam ações divinas como meros correlatos da ambição humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o Livro X da *República*, Platão retoma a discussão sobre a poesia, é precisamente aqui que Platão trava a última batalha entre Filosofia e Poesia, que havia ficado em aberto nos primeiros livros da obra. Essa crítica se voltou para a poesia mimética e trágica que era a base para o ensinamento dos gregos. Acusando-a de ser incompatível com a filosofia, explica que ela não deveria fazer parte da formação do homem ideal em sua *República*. Tal formação não levaria o homem ao seu pleno desenvolvimento intelectual. Ao contrário, induziria a gerar conflitos e a guerra, por isso pretendia bani-la de seu Estado.

No Livro V, os poetas foram acusados de serem inimigos dos filósofos e somente no Livro X eles são desmoralizados e expulsos do sistema educacional platônico. Platão não só criticou os meios que eram utilizados pela educação Homérica, (mesmo tendo amor e respeito por Homero), mas propôs alternativas para a educação, que para ele era mais harmônica e benéfica para a alma. A música e a ginástica eram as formas adotadas por Platão na educação do Estado ideal. Ele sentia a necessidade de conhecimento para elevação do espírito, da alma e da personalidade humana. Como podemos notar em Franklin;

O programa inicia com a promoção da ginástica e da música para as crianças da cidade, instituindo a disciplina e a beleza ao corpo, como instância preparatória para receber a docilidade e a perfeição da alma. A seleção das melhores almas, paulatinamente, promoveria uma depuração das classes entre artesãos, guerreiros e guardiões, possibilitando a seleção final: a dos filósofos. Estas seriam as melhores almas, pois suportariam os exercícios e as exigências de uma educação superior (FRANKLIN, 2014. p. 48).

Platão acreditava que toda essa poesia provavelmente distorce o pensamento de qualquer pessoa, sem lhe transmitir nenhum verdadeiro conhecimento acerca do princípio que ele toma por base. Em função disso, optou educar pela filosofia, pois somente ela tem o compromisso com a verdade e a norma suprema.

Percebe-se que toda essa crítica platônica aconteceu devido à preocupação de Platão com a formação “perfeita” do homem grego. Essa formação não deveria conter “erros” e, com a poesia, isso já não poderia se produzir, uma vez que, como ela não tem ligação com a verdade, não estaria empenhada em educar o homem perfeito. Nota-se que não foi uma tarefa fácil para Platão buscar um novo modelo de educação para o Estado ideal, já que a poesia tinha um papel importante na educação até o momento. Esse papel pode ser identificado na *Ilíada* de Homero. No entanto, o modelo pedagógico que Platão propõe definitivamente não inclui a poesia.

Considera-se que o alvo da crítica platônica foi à poesia mimética e trágica, pois o próprio Platão se utilizou da arte na *República* através dos mitos. Aqui é possível perceber a complexidade de sua teoria e da construção de seu projeto educativo.

A organização do Estado perfeito, segundo Platão, deveria potencializar as virtudes do indivíduo, considerando aquilo que ele sabe fazer melhor, ou seja, aquele que nasceu com a parte superior da alma mais desenvolvida deverá governar o Estado; aquele cuja parte mais desenvolvida é a força, esse deverá proteger o Estado (guerreiros); aqueles com a parte inferior mais desenvolvida deverão ser responsáveis pela produtividade do estado. O modelo platônico conduziria, portanto, à condição de Estado perfeito.

Primeiramente deve proporcionar uma educação estatal e comum, sob a qual todos devem submeter-se, a fim de desenvolver o melhor individualmente. Através das disciplinas primeiras, ginástica e música, prepararem o corpo e a alma para as que se seguirão, aritmética, geometria plana e espacial, astronomia, harmonia e, por fim, a dialética (FRANKLIN, 2014. p. 49).

Dessa forma, a ideia platônica conduz o indivíduo a aproximar-se da excelência, ou seja, a busca pelas coisas perfeitas. Com isso, conduziria também para a harmonia da alma e do corpo. Platão não fazia distinção de gênero na classe dos guardiões, todos deveriam receber a mesma educação. Essa educação idealizada por Platão deveria ser conduzida pelo Estado, sendo este o responsável em direcionar cada membro ao seu devido lugar, para que dessa forma se tivesse um Estado justo e perfeito.

Diante disso, percebe-se também quão severa foi à crítica que Platão direcionou especificamente a poesia de Homero. Sendo esta proibida no Estado

ideal, não houve ninguém capaz de limitar Platão. Com isso, foi além de uma simples crítica chegando a excluí-la totalmente do Estado perfeito. Platão selecionou o conteúdo e permitiu entrar no Estado perfeito somente aquilo que ele acreditava ser bom para todos os membros da *polis*, buscando a melhor educação para os gregos.

Todo o processo educativo construído por Platão visa o estabelecimento da cidade justa, onde o filósofo é o governante legítimo devido às suas competências intelectuais e políticas. Sua preocupação também está ligada a uma compreensão de sabedoria, entendida como capacidade prática de realizar projetos de conjunto, uma capacidade de realização de conhecimentos com fins delimitados e específicos (FRANKLIN, 2014. p. 50).

Pode-se dizer que Platão tinha as melhores intenções com toda a sua crítica em relação à poesia de Homero, mesmo sendo intenso e profundo nos argumentos que direcionou a poesia homérica, ele buscou alcançar uma educação perfeita para a Grécia Clássica. Por isso, Platão não permitiu que a poesia fizesse parte da educação dos gregos, sendo que, a base para essa educação perfeita deveria ser a verdade, afirmando que somente a verdade conduz o indivíduo ao caminho da perfeição. Para isso, tomou “a justiça como a virtude da cidade, Platão apresenta as demais virtudes, sabedoria, coragem e temperança ou moderação, como expressões máximas de classes e partes da alma” (FRANKLIN, 2014. p. 51).

Sendo assim, pode-se dizer que Platão partia do princípio da seleção das almas para constituir a cidade ideal “as melhores almas deveriam acender ao governo se a vontade do povo fosse viver em uma cidade justa” (FRANKLIN, 2014. p. 51). Compreende-se que, Platão conduz o homem ao caminho da sabedoria, fazendo com que cada um encontre em si mesmo as virtudes para depois encontrar a felicidade plena.

REFERÊNCIAS

FINLEY, M. I. **O Legado da Grécia**: uma nova avaliação. Tradução de Yvette Vieira Pinto de Almeida. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

HAVELOCK, E. **Prefácio a Platão**. Trad. Enid Abreu Dobránsky. São Paulo Campinas, Papyrus, 1996.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Rio de Janeiro: Melhoramentos, s/d.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução Artur M. Parreira. – 6ª Ed. São Paulo: Editora: Martins Fontes, 2013.

MANON, Simone. **Platão**. Tradução. Flávia Cristina de Souza Nascimento, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRANKLIN, Karen. **Platão e a Educação das Mulheres na República**. *In*: Organizadores: Marcos Francisco Martins, Ascísio dos Reis Pereira. **Filosofia e Educação**: ensaios sobre autores clássicos. São Carlos-SP: Ed. EdUFSCar, 2014.

PLATÃO. **A República**. Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012.